



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



**Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro participando na construção e manutenção
de espaços não formais de ensino e aprendizagem**
*Group of Ecological Agriculture of the Federal University
of Rio de Janeiro participating in the construction and
maintenance of non-formal teaching-learning spaces*

OLIVEIRA, Stéfane Ketlyn^{1,2}; PIRES, Cássio de Almeida^{1,3};
SANTANA, Bianca dos Santos^{1,4}

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRuralRJ, GAE – Grupo de Agricultura Ecológica, ²ste_koliveira@hotmail.com; ³x_cassio@hotmail.com; ⁴biancas.santana@gmail.com

Tema Gerador: Educação em Agroecologia

Resumo

Atualmente o ensino acadêmico oferecido aos cursos em agrárias no país ainda apresenta majoritariamente foco em temas ligados ao agronegócio. Neste cenário, em busca de conhecimentos alternativos aos apresentados nos espaços formais das instituições, surge em 1983 na UFRuralRJ o Grupo de Agricultura Ecológica (GAE) enquanto espaço não formal e informal de educação. Auto-gestionado por estudantes de diversos cursos, tem a finalidade de estudar, praticar e difundir a agroecologia. A partir dessa organização, o Grupo realiza o Curso de Introdução à Agroecologia (CIA), com debates como soberania alimentar, conflitos socio-ambientais, reforma agrária e agroecologia, que culminaram em duas vivências no Sítio São José, Paraty – RJ, em 2016. Essa busca por um entendimento mais amplo da agroecologia, através da construção de saberes e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é possível reconhecê-lo, portanto, como um importantíssimo espaço de educação não formal.

Palavras-chave: educação não formal, agroecologia, CIA, GAE.

Abstract

Currently the academic teaching offered to courses in agrarian in the country still presents mainly focus on subjects related to agribusiness. In this scenario, in search of alternative knowledge to those presented in the formal spaces of the institutions, in 1983 UFRuralRJ appears the Group of Ecological Agriculture (GAE) as non formal and informal space of education. Self-managed by students of various courses, has the purpose of studying, practicing and diffusing agroecology. From this organization, the Group conducts the Course on Introduction to Agroecology (CIA), with debates such as food sovereignty, socio-environmental conflicts, agrarian reform and agroecology, culminating in two experiences at Sítio São José, Paraty - RJ, in 2016. This Search for a broader understanding of agroecology, through the construction of knowledge and indissociability between teaching, research and extension, it is possible therefore to recognize it as a very important space for non-formal education.

Keywords: Non-formal education, agroecology, CIA, GAE.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



Contexto

Desde a década de 60 o ensino acadêmico técnico e superior da área de agrárias tem foco em fragmentar e industrializar a agricultura estabelecendo um modelo de produção em que o capital se apoia em três principais elementos: monocultura, maximização de insumos externos e minimização de mão de obra.

Apesar dos espaços formais de ensino abordarem uma gama de conteúdos, o seu excesso, de forma desconexa com a vida social, nos traz uma abordagem chamada de “educação bancária” por (Freire, 1987). Nesta o povo é entendido como recipiente vazio e raso, pronto para receber passivamente uma chuva de conteúdos, sem levar em consideração sua carga histórica, constituindo-se em um tipo de “invasão cultural”. Não podemos desta maneira, falar de uma educação, qualquer que seja, sem relacioná-la ao seu contexto histórico (GADOTTI, 2012). Isso porque, a educação é política, regada de valores e princípios que revelam uma determinada visão cultural de mundo, portanto, não sendo neutra. Ainda mais sendo o Brasil, como discorrem Stigar e Neivov (2009), guiado por elites econômicas que, visando fortalecer a dominação de uma classe sobre a outra, promovem estratificação social. Sendo assim, o caráter emancipador da educação muitas vezes é transposto por um modelo hegemônico de produção de capital humano com habilidades que o capacitem a desenvolver as exigências para enquadrá-lo na empregabilidade da sociedade industrial.

É nesse contexto de educação formal, que não supri os anseios reais dos educandos, que no ano de 1983 surge o grupo de Agricultura Ecológica – GAE –na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRuralRJ, campus Seropédica. Com a proposta de estudar, praticar e difundir a Agroecologia dentro e fora da instituição. Esse espaço de educação não formal apresenta-se como uma consolidação de convergência de ideias, movida pelos questionamentos dos estudantes de diversos cursos, à cerca do modo de agricultura vigente e sua influência na engessada grade curricular dos cursos de graduação.

Desse modo, agindo como ferramenta transdisciplinar e pedagógica, a metodologia do grupo vem suprindo as carências e anseios encontrados pelos estudantes durante sua formação com a realização de atividades teórica e práticas contextualizadas. Na estruturação do grupo é possível integrar-se com uma nova perspectiva de educação, àquela realizada fora das salas de aulas, abordando de modo indissociável ensino, pesquisa, extensão. E uma nova maneira de organização, pautada na autogestão, horizontalidade e coletividade.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



Sendo possível realizar ensino-aprendizagem fora das quatro paredes e perceber como todos somos “educadores-educandos” e agentes potenciais de transformação. Seus encontros ocorrem semanalmente, às vezes com mais de um encontro durante a semana. Suas atividades teóricas de formação se baseiam em promover temáticas de assuntos atuais, ligadas diretamente ou não à agricultura, cujo objetivo é problematizar, discutir, refletir e propor possibilidades de intervenção social coletiva e individual. Suas atividades práticas se desenvolvem em espaços dentro do campus da instituição, que correspondem a manejos, plantios, intervenções culturais, apoio a eventos (“Arraiá Pra Raiá”, Feira da Agricultura Familiar da UFRuralRJ, “Geociências em Debate”, Grupo de Pesquisa da Biologia, entre outros), promoção de debates, palestras, oficinas, mini cursos e vivências realizadas extra campus.

Nessas últimas, são realizadas atividades educativas práticas, que reconhecem os múltiplos espaços de formação fora do campus sejam eles não formais ou informais. Entendendo que a educação pode ser subdividida em modalidades denominadas: formal, informal, não formal E tomando como referência a descrição de Gohn, M. G. (2006), podemos distingui-las da seguinte forma: a educação formal é desenvolvida em ambientes escolares, com conteúdos definidos e aquisição de titulação e certificação. [...] a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Um exemplo dessas são as vivências organizadas periodicamente ao agricultor agroflorestal Zé Ferreira em seu Sítio São José, em Paraty. Das atividades ocorridas dentro do campus, temos como exemplo o Curso de Introdução à Agroecologia. Esse é organizado integralmente pelos componentes do GAE, com o apoio de alguns parceiros, com a finalidade de divulgar o coletivo e propor um espaço educativo que alcance a totalidade dos possíveis interessados na temática agroecológica, em seu amplo aspecto, vinculados institucionalmente à universidade, ou não.

Descrição da experiência

A ligação do GAE com o agricultor Zé Ferreira foi construída e fortalecida desde seus primeiros anos no Sítio, na década de 90. Com intuito de fortalecer a agricultura familiar e aprender sobre um método alternativo de cultivo e opção de vida, que é o manejo Agroflorestal. Buscando, através do espaço não formal e informal de educação, ricos



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



saberes populares que não são, em sua grande maioria, abordados no ensino formal. E quando os fazem, são tratados de forma basicamente teórica, não nos trazendo a carga real de execução na dinâmica conflituosa de nosso sistema social.

A abordagem do Zé em seu território é feita, *a priori*, a partir de um sonho de subsistência, culminando posteriormente na difusão da prática agroecológica, em busca da soberania alimentar. O sistema agroflorestal contribui nesse sentido de fugacidade convencional de plantio. Com boa heterogeneidade alimentícia, hortaliças, frutíferas, entre outros, consorciadas entre si. Possuindo disponibilidade hídrica local, tanto fluvial, quanto pluviométrica, cujo regime climático durante muito tempo era bem regulamentado, favorecendo o planejamento de plantio e colheita. Ou seja, fatores que contribuem para uma independência de consumo de alimentos convencionais, comumente cultivados em locais sem nítida procedência, com uso de agrotóxicos, ora muito em latifúndios.

Levando em consideração a atual conjuntura histórica e política que a sociedade vive nesse pós “revolução verde”, o sucesso de práticas alternativas ao modo convencional de plantio ainda são pouco difundidas. Assim, esse laboratório ecológico tem estado ainda muito distante das práticas e teorias educativas. Mesmo assim, sendo um resistente à lógica de produção do capital, Sr. Zé tem aberto as portas de sua residência, transformando-a em uma verdadeira sala de aula para os integrantes do GAE (e de outros movimentos que também consolidam parcerias com ele). Provando que, parafraseando: “não é tirando o homem do mato que estará se protegendo essas áreas”.

Essa manifestação tem a ver com alguns entraves jurídicos que o sítio sofreu em 2012, sob um aspecto de consolidação do Parque Nacional da Serra da Bocaina. Nessa, se instaurou um cenário infelizmente frequente de conflito com o pequeno proprietário rural. No qual, em medidas de definição de áreas de Unidade de Conservação e de Preservação Permanente, o agricultor familiar, desprovido de capital financeiro e político, dificilmente consegue provar seu direito à terra. Essa dificuldade está vinculada ao fato do Código Florestal (Lei 12651/2012) e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Lei 9985/2000) só preverem ocupação em Espaços Territoriais Especialmente Protegidos (ETEP's) em situações específicas, e tendendo ao favorecimento de grandes latifundiários. Por fim, a história desse conflito deu-se por um acordo entre o parque e o Sr. Zé (juntamente com o apoio da cooperativa de agricultores de Paraty, advogados militantes de assessoria popular e muitos amigos), todavia com algumas restrições de manejo em seu território.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



O GAE, acompanhando esse processo e tendo em mãos suas atividades já desenvolvidas habitualmente, traz esse e diversos outros debates ao Curso de Introdução à Agroecologia. Esse é visto como parte de um processo permanente de formação na temática com os estudantes, visando à aproximação de novos membros para o Grupo e a renovação do seu quadro de participantes. Possuindo assim o objetivo de despertar o interesse pela temática da Agroecologia. Tem proposta de ser uma atividade fixa, que busca atingir principalmente calouros que procuram o primeiro contato com o tema e membros recém-chegados ao grupo, por isso tem uma linguagem fácil e introdutória contemplando temas básicos e pontuais dos princípios agroecológicos e sua utilização como ferramenta de transformação social, ampliando a discussão da temática.

O grupo em 2016 promoveu sua 10ª edição, na própria Rural, e teve como público alvo a comunidade acadêmica da universidade. Os preparativos e a execução das atividades teóricas e práticas são realizados pelos integrantes do grupo com apoio de outros coletivos militantes universitários (internos e externos). Toda sua organização é realizada com uma limitada infraestrutura, solicitada da universidade. Os temas a serem abordados no curso são assuntos discutidos em coletivo, em reuniões precedentes ao evento, e são selecionados a partir das demandas vigentes (conjuntura política contemporânea e/ou temas básicos pertinentes à introdução do assunto).

Análises

É possível observar que grupos auto-gestionados, orientados por princípios agroecológicos, têm ocupado e buscado abrir espaços de formação dentro da universidade. Buscando que esses contemplem a interdisciplinaridade e a construção do conhecimento baseado no diálogo entre os saberes populares e o saber científico. O GAE entende que esse processo de formação deve aliar teoria e prática, contextualizada e crítica, o que se materializa nos dois processos descritos neste relato.

Sendo assim, aplicando um olhar mais sensível ao Grupo e suas atividades citadas, entendemos que esse representa uma movimentação organizada na universidade que valoriza a importância dos conhecimentos agroecológicos na formação para a vida dos estudantes, para além da questão profissional. Uma vez que, infelizmente, não foi incorporado preceitos agroecológicos aos currículos dos cursos de graduação de forma efetiva. Assim, as iniciativas do Grupo veem como uma alternativa pedagógica para abordagem dessa temática. Dando força, enriquecendo e divulgando assim, os espaços não formais e informais de educação que estão presentes na universidade e



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



fora dela. Não limitando o entendimento da educação apenas em seu caráter formal. E, conseguindo desenvolver temáticas que são de interesse e demandas das pessoas envolvidas, tornando-as formadoras também do espaço, não apenas espectadoras.

Agradecimentos

A todos os agricultores educadores que nos mostraram a beleza e os em passés da realidade que queremos construir. Dentre eles o citado neste relato, Seu José Ferreira. A gratidão se estende também, a todos os antigos Gaeatos que marcaram o caminho para nossas lutas que ainda hoje seguimos caminhando e abrindo para os que virão.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei Federal nº 12.651, de 25 de maio de 2012, alterada pela Lei 12.727, de 17 de outubro de 2012. Brasília, DF. Congresso Nacional, 2012.

_____. Lei Federal nº 9985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o artigo 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, v.21. Paz e Terra, p.33-42, 1987.

GOHN, Maria. Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

STIGAR, Robson; SCHUCK, Neivor. Refletindo sobre a história da educação no Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/artigos/pdf-pgartigos/Refletindo%20sobre%20a%20historia%20da%20educacao%20no%20Brasil%20OPET.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2016.